

## DE TOUS PETITS LIENS MILLE ET UNE NUITS

DE FRANÇOIS LAPLANTINE

*De tous petits liens mille et une nuits*  
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

POR IRLYS ALENCAR FIRMO BARREIRA

Professora Titular do Departamento de Ciências  
Sociais da Universidade Federal do Ceará

A assertiva de A. Warburg de que *Deus está no particular* encontra na reflexão proposta por François Laplantine, sobre a rede de interações vigente na vida social, uma justificativa bem argumentada. Valorizar pequenos laços sociais, ações e sentimentos menos visíveis, como objetos de conhecimento no campo das ciências sociais, constitui a referência principal deste livro, marcado pela abordagem ensaística e poética. A proposta anunciada na obra contrapõe-se ao olhar pautado pela sociedade do espetáculo e da grandiosidade, afirmando-se, em contraponto, pela observação dos laços sutis e dos mecanismos complexos e menos evidentes que fundamentam o mundo social contemporâneo.

Mais do que uma nova proposição teórica, as idéias do livro evocam uma estética de observação da realidade captada através de exemplos contidos em filmes, produções literárias e obras de arte. A linguagem artística serve de bússola ao registro de detalhes e expressões sociais menos visíveis. Cores, sons, ritmos e gestos, presentes em diferentes criações estéticas, nutrem a construção do que poderia ser designado como uma abordagem microssociológica dos fatos sociais. Flaubert, Kafka, Proust e Clarice Lispector, ao lado de cineastas como Bresson e Eric Rohner, são mencionados como indutores de planos existenciais compostos de metáforas e detalhes indicadores da riqueza social existente na vida cotidiana.

Do ponto de vista epistemológico, Laplantine abdica das fronteiras compartimentadas do

conhecimento na área das ciências sociais, valorizando o ato de percepção sociológica através da experiência múltipla das linguagens: literatura, arte, cinema. Cada modo específico de apreensão da realidade em minúsculas graduações pode, na

visão do autor, explicitar aspectos relevantes e sensíveis da vida social.

Dimensões microscópicas da realidade social não são privilégio de percepções artísticas. Estarão presentes, sobretudo, na etnografia, a exemplo das considerações de Clifford Geertz sobre a diversidade ampla de práticas sociais, fato que impõe ao investigador um trabalho analítico baseado na ínfima variação de gestos, sentimentos e flexões da linguagem.

A prioridade conferida à perspectiva microscópica de observação da vida social rejeita o ideal de unidade e de espaço fechado, sugerido por uma versão totalizadora dos fatos sociais. As interpretações da realidade social seriam, em uma outra perspectiva, baseadas não só em "verdades" apresentadas segundo uma lógica positivista, mas em dissimulações - o recurso a metáforas.

A observação do "pequeno" poderia ser a resistência à noção fechada de totalidade, quase sempre cega aos detalhes, por conta da prioridade conferida a questões dotadas de maior visibilidade: o poder e a dominação, por exemplo. A tecnologia cinematográfica na sua capacidade de registro de detalhes prestar-se-ia a observações mais sutis, pela tessitura de gestos e cores capazes de aproximar a ética da estética (Wittgenstein).

O conceito de passagem em Walter Benjamin é também invocado por Laplantine como subsídio para os registros do detalhe e da sutileza. Serve para designar travessias parisienses ligação de ruas, espaços de pequenos comércios e anúncios de grandes magazines, tal como o trajeto do flâneur que percorre caminhos, expressando, de modo paradigmático, a transição do século XIX ao século XX. A passagem, segundo o filósofo alemão, seria a passarela entre a arte e a técnica, combinando a ilusão do novo, já ameaçada pelo declínio ou perda da aura. A passagem representa também, acrescenta Laplantine, o prenúncio de um mundo novo, o estilo moderno e decorativo de Gaudi ou de Lechner, em Budapeste. O pensamento de Benjamin, feito em gradações, permitiria a emergência de instrumentos precisos de observação de detalhes também utilizados na psicanálise para interpretar o inconsciente.

De fato, observa-se que na exploração que faz Benjamin (1993) de suas vivências existe uma evocação à cidade memorial da infância. Cidade de um passado feito de fragmentos reconstituídos através de lembranças de Berlim, capturadas na sucessão de descobertas microscópicas de múltiplos espaços. Nesse contexto, são objetos de reminiscências: o parque de animais (Tiegarten), os bosques, o relógio da escola, as ruas com a prostituição, a luz a gás e o interior das casas. No conjunto dessas narrativas, a percepção de que as dimensões abrangentes da vida social revelam-se nas entrelinhas, sendo as miniaturas urbanas captadas na sensibilidade infinitesimal de expressões sutis e mudas da vida cotidiana. É este trabalho de lupa sugerido por Benjamin que permite, na versão de Laplantine, a observação das transformações urbanas presentes nas experiências inéditas, reveladas na descrição de sons, cores e cheiros.

Dentro da mesma perspectiva de observação microscópica da realidade social, Laplantine evoca Simmel, autor que recompõe a sociologia do cotidiano através de fenômenos considerados até então triviais: a moda, o dinheiro, o casamento.

Para Simmel, o real é feito de ínfimas sensações e transformações infinitas, não podendo ser compreendido na sua totalidade, mas com base em uma pluralidade de perspectivas que se apresentam em aspectos singulares.

No campo da literatura, outros autores servem de referência para a discussão dos planos moleculares de observação da vida social. Em Kafka, Laplantine privilegia a predominância da rarefação, o território da linguagem equiparável a um fio de voz feito de obscuridade, tal como a percepção de um crepúsculo - a transição entre noite e dia.

Na obra de Clarice Lispector são destacados os temas da penúria e da desilusão, presentes sobretudo no livro *A Hora da estrela*, que narra a saga de uma nordestina pobre e desprovida de dotes. Como em um quadro de impressões, não haveria, no texto de Clarice, uma posição central na narrativa, pois tudo é fugidio e deslocado.

A perspectiva epistemológica recusada pelo antropólogo francês critica tanto o essencialismo, presente em palavras seguidas do artigo definido, o homem, a humanidade, a liberdade, como rebate o dualismo que contrapôs, no terreno da filosofia, racionalistas e fenomenologistas. Laplantine desenvolve um foco epistemológico que recusa a relação de totalidade, a linearidade e a interpretação unívoca dos fatos sociais. Ao invés do conceito, como expressão indubitável da realidade, propõe o *decept* (a ligeira decepção) que abdica da uniformidade e da positividade afirmativas, em favor das transições, das indeterminações e das modulações.

A preponderância de laços sociais envolvendo articulações múltiplas, em contextos culturais e campos diversificados de práticas, efetiva-se através da idéia de mestiçagem. Trata-se de perspectiva analítica partilhada pelo autor com Aléxis Noss, que se baseia nas trocas provenientes de contatos sociais efetivados em condição de igualdade. A mestiçagem, concepção utilizada originalmente pela biologia, é então invocada como metáfora para campos diversos do conhecimento. De saída, contradiz a polaridade

homogêneo-heterogêneo, apresentando-se como a terceira via: entre "a fusão totalizante do homogêneo e a fragmentação diferenciada do heterogêneo". Em síntese, a mestiçagem afirmaria o contato entre culturas, sem a anulação de uma das partes, redefinindo um modelo alternativo às formas usuais de dominação.

As relações que são produtos da mestiçagem não são lineares. Incluiriam também a desarmonia, tal como na música duodecafônica que incorpora a idéia de tensão, renunciando o fechamento da partitura através da conclusão. A lógica da composição, nesse sentido, consistiria em unir, reunir e associar a redistribuição de elementos no espaço, através de processos de deslocamento e desdobramento de fronteiras. O conceito de turbilhão é, nesse contexto lógico, igualmente evocado para referir-se a algo que desorienta o curso do rio (Benjamim), permitindo verificar o movimento contraditório fora da liminaridade.

No campo das ciências sociais, um exemplo desse deslocamento de fronteiras ocorreria na situação de entrevista. A técnica de conversação, dotada de intervalo, interrupção, de palavras que circulam de um sujeito a outro, destaca-se pela descontinuidade fora do parâmetro causa e efeito.

Os liames sociais fundam-se também na modernidade estética que abdica da pretensão ao enquadramento, tal como na tragédia grega que incorpora o movimento de oscilação entre Dionysios e Appolon.

A mestiçagem opõe-se, na versão antropológica sugerida pelo autor, à noção de aculturação que pressupõe a contaminação vinda do exterior, sendo por esse motivo portadora da desordem. A heterogeneidade das civilizações já havia sido percebida em Roger Bastide, embora este não tenha conseguido, na versão de Laplantine, fazer uma crítica radical ao princípio da pureza cultural.

A palavra aculturação e seus correlatos, assimilação, adoção, apropriação é também objeto de críticas, por não conseguir realizar a separação e articulação de processos culturais. Trata-se, na realidade, de um movimento de

separação que supõe um antes e um depois, um passado e um presente claramente definidos, um dentro e um fora, formando unidades compactas. Se um encontro é algo mais complexo do que uma relação entre entidades separadas, argumenta Laplantine, existe um movimento de vibração entre o eu e o outro, a exemplo da bossa nova que é feita de oscilação entre o ritmo de jazz e o ritmo de samba. Com isso o autor recusa o movimento binário da ideologia denotativa que desvaloriza a transição e reenvia o pensamento para uma separação entre a forma e a estética.

Outros exemplos de prioridade conferida às uniformidades e rejeição a uma idéia de movimento acompanham, na interpretação de Laplantine, a história da antropologia como disciplina baseada no reforço às expressões culturais denominadas autênticas. O privilégio do estudo de coletivos homogêneos, através da divisão da cultura em unidades, desconsiderava as dinâmicas interativas entre grupos. Estes, vistos através de processos que se "formam e deformam". As versões racionalista (Durkheim), culturalista (Boas) e empirista (Boas) teriam em comum o paradigma da ordem, privilegiando a objetividade em lugar da afetividade. O espaço e o tempo euclidianos serviram de referência ao pensamento antropológico clássico, alheio ao conhecimento da física quântica.

Ao lado da idéia de mestiçagem, as metáforas da prova, da revelação e do escândalo servem de referência à perspectiva de compreensão do universo das ligações entre fatos sociais. Enquanto a prova supõe ligações necessárias e irrefutáveis, fundadas em explicações objetivas (lógica positivista), a revelação é a manifestação metafísica baseada na crença e no mistério. O escândalo, por sua vez, mostra a ausência de ligações coerentes entre o visto e o dito: faltam cadeias. Os lapsos de coerência e intelegibilidade provocam, por consequência, o discurso rarefeito. Derrota, assim, a lógica da explicação através da ligação necessária entre dois signos. A suspensão e não a prova, presente no escândalo, prevalece como elemento explicativo tal como nos filmes de Hitchcock.

As ligações que interessam ao autor, considerando-se a vigência dessas metáforas, aquelas em construção, não mobilizadas pela lógica da prova, da revelação ou do escândalo. Tampouco amparadas na idéia de adesão ou do acordo perfeito. As pequenas ligações feitas de detalhes, rupturas e suspensões podem ter implicações éticas e políticas. São os sentidos e os jogos que se constroem no acontecer da vida social.

A própria estrutura do livro obedece ao princípio da não linearidade. Aborda sob diversos ângulos as possibilidades de interpretação dos fatos sociais em três partes. A primeira parte discute o modo de conhecimento microscópico, referenciando-se principalmente na literatura. A segunda parte analisa as pequenas ligações e ínfimas gradações inspiradas na pintura, na música e na literatura. A terceira parte examina a prova, revelação e o escândalo como metáforas indutoras de diferentes ligações. A divisão em partes inter-relacionadas condiz com a idéia presente em toda a obra de valorização dos elos de ligação que informam a vida social e a experiência estética.

É possível inferir, a partir do livro, conclusões de natureza epistemológica e política. De início, a abordagem microscópica implica a primazia do cotidiano e ruptura com grandes esquemas interpretativos. A prioridade conferida às ínfimas gradações na política abdica das narrativas pomposas para apegar-se às linguagens sutis de gestos e símbolos que podem revelar aspectos importantes das esferas de poder.

A recusa às grandes narrativas poderia significar uma filiação às correntes pós-modernas. No entanto, não é essa a perspectiva da abordagem apresentada. O livro está mais voltado para buscar a especificidade das ciências sociais e seu poder de análise da vida social em seus detalhes mais sutis.

Nesse contexto de enunciação de imagens literárias e observações de cunho sociológico definidoras dos laços sociais cotidianos, vale a pena citar o texto de Carlos Ginzburg, "Enigmas de um paradigma indiciário", no qual o autor

apresenta uma contraposição entre o conhecimento lógico racional e o conhecimento baseado nos indícios, intuições e detalhes renegado, ao longo da história da ciência, ao ostracismo.

Segundo Ginzburg, emergiu por volta do século XIX, silenciosamente, no âmbito das ciências humanas, um modelo epistemológico baseado em indícios. O método indiciário de Morelli, usado para distinguir obras originais de cópias, compara-se à metodologia de Sherlock Holmes cuja investigação baseava-se em detalhes, intuições. Freud, também leitor de Morelli, conferiu prioridade aos indícios através do método interpretativo baseado em resíduos. Trata-se de um paradigma que tem raízes bem mais antigas: o saber venatório das cartas e adivinhações que integravam contos e lendas.

O grupo de disciplinas indiciárias não entrava nos critérios científicos galileanos, fazendo com que as ciências sociais, baseadas no qualitativo, mantivessem ainda o mal estar da busca de reconhecimento. Na metade do século XIX, os modelos anatômico e semiótico de sociedade contrapõem-se e, no final do mesmo século, o paradigma indiciário emerge como necessidade de controle da criminalidade ou repressão da oposição operária.

O paradigma indiciário modelou as ciências humanas. Minúsculas particularidades foram empregadas como veículos para reconstrução de transformações culturais e indícios foram vistos como relevantes de fenômenos mais gerais tais como a visão de mundo de uma classe.

Na realidade, as proposições contidas no livro acompanham a história das ciências sociais que guardam o dilema posto por Galileu: assumir o estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes ou estatuto forte para resultados de pouca relevância.

O importante a destacar é a sensibilidade e argúcia da observação como qualidades imprescindíveis ao conhecimento. É nesse sentido que as ciências sociais alimentam-se também da literatura e da arte, tal como argumenta com muita propriedade François Laplantine ao longo do livro.

Trata-se de reflexão provocativa que invoca dimensões estéticas e epistemológicas do conhecimento. São intuições mais que comprovações de pesquisa que suscitam a velha prática da imaginação sociológica. O pensar com a arte como a arte de pensar.

**Referências bibliográficas**

BENJAMIN, W. "Infância em Berlim". In: *Obras Escolhidas*, vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.71-142.

GINZBURG, Carlos. "Sinais, raízes de um paradigma indiciário" in *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LAPLANTINE FRANÇOIS E ALEXIS NOUS. In: *Le Métissage*, Dominós/Flamarion, Evreux-França.